

**Moreira em 1875, vista por Pinho Leal**

**PORTUGAL**  
**ANTIGO E MODERNO**  

---

**DICCIONARIO**

**Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico,  
Archeologico,  
Historico, Biographico e Etymologico**

**DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL**

**DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS**

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres,  
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,  
por serem solares de familias nobres,  
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

**NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA**

**DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO**

**POR**

**Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal**

**LISBOA**

**LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA**

**68—Praça de D. Pedro—68**

**1875**

Esta descoberta, prova que houve aqui uma necrópole romana, ou, pelo menos, sepulturas da familia patricia, *Reburro*.

Por baixo da aldeia de *Cidadêite*, termo de Alfarella, e pouco distante d'esta aldeia de Moreira, acima do rio *Tinbella*, que lhe passa a uns 200 metros ao N., no alto de um monte sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um bom templo e forte castello, de bem lavrada cantaria, tendo ainda em sitios 3-30 d'altura, com vestigios de porta, em arco, para o lado do rio, e outra para o S., pela qual, até á ponte que atravessa o rio, ha tambem vestigios de muralhas e fossos, indicando terem pertencido a uma grande fortaleza, construida d'este lado, o unico por onde a posição podia ser atacada; porque para os outros lados, é o sitio inacessível por causa dos rochedos perpendiculars e o rio, que o defendiam naturalmente.

É evidentemente obra romana, pela perfeição do lavrado das pedras.

Consta que no rio, proximo a este castello, ha uma pedra com uma inscripção romana, que só se vê nas estiagens.

A 3 kilometros d'este castello, desde as vinhas que estão no sitio de *Pedrosa*, nas abas da serra da *Preza*, limite da aldeia de *Campo*, termo d'Alfarella, está uma larga e comprida valla (em algumas partes, tres parallelas e quasi unidas) que atravessam o *Ribeiro das Azenhas*, e subindo um monte, por onde passa a estrada que vae para *Chaves*, desce a outra encosta, atravessando outro ribeiro, chamado *Ribeiro-Côvo*, subindo o *Monte da Coelha*, até descer ao rio *Tinbella*. Dá indicios de ser uma galeria aberta, para extracção de metal. N'estas vallias se vêem muitas e profundas covas, á maneira de cisternas, feitas de schisto, sendo uma das do *Monte da Coelha*, de uns 6 metros de circumferencia, e mais de 4 de profundidade, alem do que está entapado.

Vê-se tambem ao O. uma especie de tunnel, que, segundo a tradição, é uma estrada subterranea, que, passando por baixo do *Tinbella*, e de varios montes e vallias, vae ter ao *Lago da Ribeirinha*. O povo d'aqui, chama a isto, as *Garalheiras* ou *Oralheiras*.

Suppõe-se, com bons fundamentos, serem

obras romanas; porque Plinio falla de muitas minas metalicas por estes sitios. (Vide *Ribeirinha* — castello da — e *Tres-Minas* — freguezia.)

**MOREIRA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de *Vife* (foi comarca de Guimarães, concelho de *Monte-Longo*), 35 kilometros a N.E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 350 fogos. Em 1757, tinha 361 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 100,000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, cria muito gado e é abundante de caça miuda.

Foi antigamente da corôa, e depois passou para a casa de Bragança.

Foi villa e conto, este era do rei e tinha os privilegios dos *taboas-vermelhas* de Guimarães.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data. Seu neto, D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, em 1217. (Maço 7.º dos *Foraes antigos*, n.º 3 — Maço 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 10 v., col. 1.ª — *Livro de foraes antigos de Leitura nova*, fl. 12 v., col. 1.ª)

**MOREIRA** — freguezia, Douro, concelho da *Maia*, comarca, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao N. do Porto, 333 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 222 fogos.

Orago, o Salvador.

Para a distinguir das outras do mesmo nome, se chama — *Moreira da Maia*.

Foi conto do mosteiro dos cruzios.

O prior do mosteiro de Moreira (d'esta freguezia) apresentava o cura, que tinha 50,000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o celebre mosteiro do Salvador, que foi de conegos regrantes de Sante Agostinho, que no seu principio foi duplex (de frades e freiras).

Foi primeiro fundado com a invocação de S. Jorge, mais acima (para o N.) d'onde hoje está, em um logar chamado *Gontão*.

Foi sua fundadora, D. *Gontina*, senhora das *Pedras-Ruivas*, ou *Pedras-Rubras*, na era 900 de Cesar. (862 de J.-C.)

Em 1060, o abade, D. Mendo, o removeu para o actual sitio, sendo a nova igreja ben-zida pelo bispo do Porto, D. Hugo.

Por ser curioso, copio aqui parte do tes-tamento de *Soeiro Mendes da Maia* (proge-nitor dos *Araujos*, pelo que ha ainda um lugar chamado *Vendas de Araujo*) tio do fa-moso Gonçalo Mendes da Maia—o *Lidador*. Traducção.

«Não ha duvida que é notorio a todos os  
«homens, moradores n'estas nossas partes,  
«que á honra e reverencia do Salvador do  
«Mundo, e de muitas reliquias dos santos,  
«foi fundada uma igreja, pelo abade D. Men-  
«do, no lugar chamado de *Moreira*, abaixo  
«do monte das Pedras-Rubras, por onde cor-  
«re o rio Leça, junto á praia do mar, no ter-  
«ritorio da cidade do Porto.....

«Portanto, eu, Soeiro Mendes, consideran-  
«do-me peccador negligente e preguiçoso  
«nas cousas da minha salvação . . . . .  
«offereço ao lugar do Salvador, de *Moreira*,  
«já dito (onde mando sepultar meu corpo) to-  
«das as minhas herdades e bens que tenho,  
«ou possa vir a ter, de meus pais e avós . . .  
«Foi feita esta carta de testamento, no 1.º de  
«maio, da era de 1123 (1085 de Jesus Chris-  
«to).—Eu, Soeiro Mendes, por minha propria  
«mão a firmei, na presença do abade D.  
«Mendo e de seus padres, que serviram de  
«testemunhas.»

Este abade D. Mendo, era filho de Egas Tructezindes e sua mulher, Hermezenda Gon-çalves, padroelras da ermida de S. Jorge de Gontão (onde foi o primitivo convento) e a deram a seu filho e ao mosteiro, e uma boa herdade que tinham junto ao convento que seu filho fundára.

Ha outra doação, de Tructezindo Guterres, ao mesmo mosteiro, de todas as suas herda-des, feita a 13 das kalendas de maio, da era de 1116 (2 de maio do anno de 1078 de Je-sus Christo).

Esta doação diz que havia no altar do Sal-vador uma reliquia da Santa Cruz de Jesus Christo, em honra da qual fez esta doação. Durante as guerras de D. Affonso Henri-ques, desapareceu esta reliquia, sem mais se saber d'ella, até que em 1510, o prior

*castreiro*, D. Vasco Antunes, foi dar com el-la escondida debaixo da pedra d'ara do al-tar-mór, dentro de um relicario antigo.

O prior-mór, D. Pedro da Costa, bispo do Porto, mandou fazer grandes festas por este achado, e mandou encerrar a reliquia em uma grande cruz, de prata dourada, ornada de pedras preciosas. <sup>1</sup> .:

Em quanto este mosteiro foi *dobrado*, ti-nham as freiras dormitorios separados dos frades, mas hiam á igreja assistir aos offi-cios divinos juntas com elles, o que dava maus resultados, pelo que foram mandadas para o mosteiro de *Rio Tinto*, levando gran-de parte das rendas d'este, que, além de ou-tras, eram muitas, mesmo na freguezia de *Rio-Tinto*; a *quinta da Retorta*, em *Azvráa* (em frente de villa do Conde) e outros mui-tos casaes.

Sendo abade, D. João Pires (1298) se juntaram ao convento de *Moreira*, as egre-jas de S. Cosme de Gemunde, S. Mamede de Parafita e S. João do Mindello, todas na *Maia*; dando o bispo do Porto, D. Sancho Pires (tio do referido abade) ao mosteiro, o direito de apresentação d'estas egrejas, re-cebendo em troca, o mesmo direito que o mosteiro tinha, nas egrejas de S. Fins da Feira, e Santa Maria da Retorta.

Pouco depois, mas no mesmo anno de 1298, lhe deu mais o dito bispo, o direito de apresentação da igreja de Santa Marinha, de *Villa-Nova da Telha*.

Pelo decurso do tempo, veiu este mostei-ro, de *Moreira*, a poder de commendatarios (pelos annos 1488) sendo o ultimo, D. Ful-gencio, filho de D. Jayme, duque de Bra-gança, que o deu a Santa Cruz de Coimbra, mediante certa pensão vitalicia.

Os padres de Santa Cruz, tomaram conta d'este mosteiro, em 22 de julho de 1562.

D. Grigerio, prior do mosteiro, de *Morei-ra*, remiu a pensão de D. Fulgencio, por 1:7504000 réis, em 1568.

No tempo d'este mesmo abade, veio ao

<sup>1</sup> Antigamente vinham aqui procissões de 70 freguezias, visitar esta santa reliquia, em occasiões de calamidades publicas, para que ellas cessassem. Hoje ainda vem algumas, porém muito menos.

convente o direito de apresentação da igreja de S. Silvestre, do Couço, freguezia proxima ao mosteiro, e que se veio a encorporar com a freguezia de Moreira.

Estando a igreja e o mosteiro muito velhos, e sendo de acanhadas dimensões, o prior, D. Henrique Brandão, tratou de reedificar tudo, sendo lançada primeira pedra da reconstrucção da nova igreja, por D. frei Marcos de Lisboa, bispo do Porto, a 3 de maio de 1588. Levaram estas obras a fazer-se 34 annos, pois só se concluíram em 1622.

Esta igreja que é elegante, ampla, e toda de abóbada, ficou sendo, e ainda é, a matriz da freguezia.

A magnifica cêrca d'este mosteiro, foi vendida, depois de 1834, ao desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro (da casa do Ermo, na freguezia d'Arões, concelho de Fafe, pae ou tio do infeliz bacharel, José Cardoso Vieira de Castro, que morreu degredado em Angola—Vide Fafe.) O desembargador tambem já falleceu.

Em fevereiro de 1874, a viuva do celebre tribuno e distincto orador parlamentar, José Estevam Coelho de Magalhães, comprou esta rica propriedade por 20 contos de réis, fixando aqui a sua residencia ordinaria.

É esta grande quinta a melhor propriedade de todo o concelho da Maia; e, como o caminho de ferro do Porto a Villa do Conde e a Povia de Varzim, passa junto á quinta, lhe augmenta consideravelmente o valor.

No logar das *Pedras Rubras* (vulgarmente *Pedras Ruivas*) ha uma capella, dedicada a *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, muito antiga, pois consta ter sido fundada no meado do seculo IX; pela já mencionada D. Gontina, senhora d'este logar.

Faz-se-lhe a festa (que é muito brilhante e concorrida) no ultimo domingo de setembro.

Esta freguezia (como todas as do concelho da Maia, Bouças e Gondomar) é rica, bem situada e fertilissima em todos os generos agricolas do nosso clima. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino (que exporta em grande escala pa-

ra a Grán-Bertanha) e o rio Leça a fornece de algum peixe mudo; porém de Mattosinhos lhe vem abundancia de peixe do mar.

Pelo centro da freguezia passa a formosa estrada real de 1.<sup>a</sup> classe, que, vindo de Lisboa ao Porto, segue por esta freguezia para Villa do Conde.

Ha n'esta freguezia muitas viboras, mas não consta que offendam pessoa alguma.

#### Ponte de Moreira

Esta ponte foi construida na estrada real n.º 30 do Porto á Povia de Varzim, sobre o rio Leça, e dista 11 kilometros ao N. do Porto, n'esta freguezia de Moreira.

Começou a sua construcção em 5 de setembro de 1864 e concluiu-se em 1 de junho de 1866; sendo aberta logo ao transito publico, depois de convenientemente experimentada e tendo-se conservado muito bem até hoje, ao mesmo tempo que affiança longa duracção.

Compõe-se de dois encontros de cantaria assentes sobre estacas de pinho nacional e com a altura de 6<sup>m</sup>,0 a contar do elegimento, os quaes sustentam um taboleiro metallico com 16<sup>m</sup>,0 de vão.

O taboleiro d'esta ponte compõe-se de 4 vigas longitudinaes, de folha de ferro, com 0<sup>m</sup>,9 de altura cada uma e com a fórma de um T duplo, assentes sobre rolos de fricção, de ferro fundido e ligadas entre si, de dois em dois metros, por vigotas transversaes tambem de ferro e com 0<sup>m</sup>,70 de alto, que dão ao systema muita solidez.

Sobre este travejamento metallico, assentam-se vigas longitudinaes de carvalho, faceando com a parte superior das vigas principaes de ferro e sobre ellas assenta o soalho da ponte, feito sobre pranchões de pinho; constituindo estrada com 4<sup>m</sup>,4 de largura de faixa, para transito de carros e dois passeios com 0<sup>m</sup>,88 de largura cada um.

As guardas d'esta ponte são de cantaria sobre os encontros e de ferro forjado no taboleiro.

O projecto d'esta obra d'arte foi elaborado pelo distincto engenheiro militar Luiz

Victor Lecocq, então director das obras publicas do Porto, e a construcção foi dirigida com muita pericia e zelo pelo não menos distincto conductor de trabalhos d'obras publicas, Alberto Costa, hoje empregado, com muitos creditos, na construcção do caminho de ferro do Minho, onde já dirigiu, além de outras obras, a construcção das pontes da Travagem e da Barca da Trófa, que estão muito perfeitas.

Junto d'esta ponte ainda se conserva a antiga ponte de pedra, já sem guardas, construida em epocha muito remota.

Na estrada do Porto á Pvoa de Varzim, no lugar do Padrão de Moreira, ha uma estação ou paragem de carros, cujos viajantes se demoram e vão passear por baixo de grandes carvalhos, até á igreja.

Ha n'esta freguezia uma fundição de sinos, montada em 1873 por Joaquim Narciso da Costa e seu irmão José Narciso da Costa, vindos da cidade de Braga residir n'esta freguezia.

Ha tambem uma boa musica, que fórma uma capella, dirigida pelo habil mestre Domingos José Moreira, natural de Moreira, tambem tem uma boa armação de igreja.

Foi seu primeiro reitor, collado em 1846, o sr. Antonio da Silva e Souza de Seabra, natural da freguezia de S. Mamede de Infesta, que até hoje (1875) conta 29 annos e tantos mezes de serviço.

**MOREIRA**—Aldeia, Douro, freguezia de Melres, concelho e 8 kilometros ao E. N. E. de Gondomar, comarca, bispado, districto administrativo e 25 kilometros ao E. do Porto, 12 a E. da Foz do Sousa, 10 a O. da foz do Tamega, e 315 ao N. de Lisboa.

Está esta aldeia situada sobre e margem direita do Douro, na falda da serra de Melres, em terreno pouco accidentado, e em frente da notavel aldeia d'Aréja, que fica na margem opposta. (Vol. 1.º pag. 2381—I col. 1.ª.)

Ha n'esta aldeia a capella de Nossa Senhora da Piedade, fundada pela madre Maria de Madureira, freira beneditina, do convento de Vairão, em 1610.

Está edificada em um teso, em frente da quinta chamada tambem de Moreira, da fami-

lia Madureira, á qual pertencia a fundação.

Conta que a causa da fundação d'esta capella, foi a seguinte:

Morreu Diogo de Madureira e sua mulher, D. Maria de Barros, pessoas muito nobres, moradores na sua mencionada quinta; ficando-lhe dois filhos ainda creanças, sem parentes que podessem cuidar da sua educação e fazenda,

Compadecida sua tia paterna, d'este desamparo, alcançou um breve do papa Paulo V, em 1610, para poder sair do convento e assistir á criação de seus sobrinhos, e ao governo da sua casa, em quanto elles a não podessem governar.

Como a igreja matriz lhe ficava a dois kilometros de distancia, mandou edificar uma ermida com muito acceio, e em quanto foi viva, fazia todos os annos uma grande festa á Ss. Virgem, padroeira.

Por sua morte, deixou no testamento a obrigação de se dizer n'esta ermida uma missa, resada, em todas sextas feiras da quaresma, e prover aos reparos e fabrica da capella, tudo imposto na referida quinta. Esta passou depois, por casamento, aos Bellezas, que sempre cumpriram as clausulas do testamento da instituidora, mas ha mais de 40 annos que ellas deixaram de ser cumpridas.

*Madureira* é appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Alvaro Annes de Madureira, no reinado de D. Affonso V.

Tem brazão d'armas completo, que é—escudo de púrpura, esquartelado, no 1.º e 4.º, leão d'ouro—no 2.º e 3.º flôr de liz, o mesmo metal. Enro d'ago aberto—Timbre, o leão das armas.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, seis besantes de ouro, em duas pallas—no 2.º e 3.º, de prata, um cordeiro pardo; lampassado de púrpura, tena por baixo da barba uma flôr de liz, de prata—O mesmo timbre—Timbre, o cordeiro das armas.

Outro ramo dos Madureiras, trazem por